

**DIFICULDADES ENFRENTADAS PELOS DOCENTES DE ENSINO  
FUNDAMENTAL E MÉDIO NA IMPLANTAÇÃO DAS PROPOSTAS  
DOS NOVOS PCNS DE LÍNGUA PORTUGUESA**

Michelle Aparecida Bueno de MORAES  
(Orientadora): Profa. Dra. Rosana do Carmo Novaes Pinto

**RESUMO:** O presente artigo discute os dados coletados na minha pesquisa de Iniciação Científica<sup>1</sup> dando continuidade a um trabalho iniciado em 2005<sup>2</sup>. Na primeira etapa (2005/2006), verificaram-se mudanças ocorridas no ensino de Língua Portuguesa, em decorrência da aprovação dos PCNs (1999), dentre as quais citamos o aumento e a qualidade das atividades de leitura e escrita e o trabalho mais adequado com os gêneros discursivos. Entretanto, as dificuldades colocadas pelos professores e as suas incoerências nas respostas aos questionários exigiam um aprofundamento da pesquisa. Na segunda etapa (2006/2007), optamos por verificar, nas salas de aula de várias escolas, em todas as séries dos ensinos fundamental e médio, até que ponto as atividades desenvolvidas estavam de fato em consonância com os PCNs, investigando os empecilhos que os docentes enfrentam na prática e procurando compreender ainda os insucessos dos alunos em leitura e escrita, comprovados nas avaliações como ENEM, SARESP, PISA.

**1. Letramento: uma concepção norteadora do ensino/aprendizagem de  
língua materna**

De acordo com Magda Soares (2000)<sup>3</sup>, a educação de língua materna deve atentar para o fato de que existe uma grande diferença semântica e prática entre *alfabetização* e *letramento*. A dicotomia *alfabetização X letramento* nos revela que a segunda deve ser complemento da primeira. Uma pessoa **alfabetizada** sabe ler e escrever, o que significa saber decodificar uma língua, mas não necessariamente sabe fazer uso da leitura e escrita em sua vida cotidiana, em

---

<sup>1</sup> Projeto: Dificuldades enfrentadas pelos docentes de ensino Fundamental e Médio na implantação das propostas dos Novos PCNs de Língua Portuguesa, financiado pelo PIBIC/CNPq, desde agosto de 2006.

<sup>2</sup> Projeto de Iniciação: Investigação sobre mudanças ocorridas (ou não) no ensino de Língua Portuguesa nos níveis fundamental e médio cinco anos após a aprovação dos novos PCNs, financiado pelo PIBIC/CNPq de agosto de 2005 a julho de 2006.

<sup>3</sup> SOARES, M. (2000) "Letramento em texto didático: o que é letramento e alfabetização". In *Letramento*. Ed. Autêntica, Belo Horizonte.

suas práticas sociais, condição ou estado de quem é **letrado**. Sendo assim, a escola deve oferecer aos alunos a alfabetização juntamente com o letramento; deve oferecer aos alunos a capacidade de lerem e escreverem para as mais variadas práticas sociais e cidadãs, pois há “(...) necessidade de se construir uma escola voltada para a formação de cidadãos<sup>4</sup>”.

Segundo Rojo (2003):

“Ser letrado e ler na vida e na cidadania é muito mais que isso: é escapar da literalidade dos textos e interpretá-los, colocando-os em relação com outros textos e discursos, de maneira situada na realidade social; é discutir com os textos, replicando e avaliando posições e ideologias que constituem seus sentidos; é, enfim, trazer o texto para a vida e colocá-lo em relação com ela. Mais que isso, as práticas de leitura na vida são muito variadas e dependentes do contexto, cada um deles exigindo certas capacidades leitoras e não outras<sup>5</sup>”.

No entanto, na prática, a escola tem priorizado somente a alfabetização, no seu sentido mais estrito. Ainda de acordo com Rojo, nossas escolas parecem não estar oferecendo práticas significativas de leitura e escrita. Além de não tratarem de textos da realidade dos alunos, o ensino apenas se baseia no primeiro nível de leitura, o da decodificação, da literalidade, da localização de informação superficial, lidando com cópias e repetições de textos do livro didático. Nas palavras de Kleiman & Moraes (1999), a atividade de leitura real, seria “(...) aquela atividade do cotidiano, da prática social da leitura, e não a atividade escolar fragmentada devido à concepção escolar do conhecimento e da construção do saber e restrita aos textos do livro didático, também produtos da mesma concepção do saber<sup>6</sup>”.

Podemos afirmar, tendo em vista as colocações acima e as experiências de pesquisadores da área, que no Brasil a alfabetização parece ainda estar muito distante do que se consideraria ideal. A dificuldade dos alunos brasileiros com a leitura e com a escrita pode ser verificada nos resultados dos exames de avaliação como SARESP, ENEM e em exames internacionais como o PISA. Neste último, no ano de 2000, por exemplo, verificamos que os alunos não se saíram bem quando a resposta exigia níveis mais elevados de leitura, isto é, quando iam além da mera busca de informações explícitas no texto. Quando as

---

<sup>4</sup> Parâmetros Curriculares Nacionais, p. 5.

<sup>5</sup> ROJO, Roxane (2003). “Letramento e Capacidade de leitura para a cidadania”. LAEL/PUC - SP, pp. 1; 2.

<sup>6</sup> KLEIMAN, A. & MORAES, S. (1999). “Texto, intertexto e interdisciplinaridade” In: *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Mercado das Letras, Campinas – SP, Coleção Idéias sobre a linguagem, p.65.

perguntas exigiam uma reflexão mais aprofundada, a grande maioria nem respondeu<sup>7</sup>.

Quanto ao ENEM, os resultados do ano de 2006, divulgados no início do mês de fevereiro, mostram que os alunos dos ensinos Fundamental e Médio novamente apresentam índices de acertos preocupantes. Houve uma queda significativa nas notas de Português e de outras disciplinas. De 100 pontos possíveis, a média do Ensino Médio em LP ficou em aproximadamente 36,5 pontos<sup>8</sup>. Resta saber se a melhora do índice obtido no ensino básico, com crianças da 4ª. série, indica que houve uma mudança no processo de alfabetização e letramento que gradualmente transformará também os resultados nas séries subseqüentes.

Os diversos estudos revelam, portanto, que as propostas contidas nos PCNs de LP, por exemplo os trabalhos com diferentes tipos de gêneros, ainda não influenciaram a capacidade de leitura dos alunos. Essas reflexões foram fundamentais para que pudéssemos avaliar as atividades efetivamente realizadas nas salas de aula.

## **2. Contato com a realidade escolar**

Como já dito anteriormente, a pesquisa previa um contato e uma observação direta nas atividades realizadas pelos professores em sala de aula e nas principais dificuldades enfrentadas pelos docentes; por isso, além de passar a freqüentar as aulas, participei também, como aluna ouvinte, do curso de formação continuada *Teia do Saber* para professores da rede estadual. Expondo meu trabalho e estando em contato direto com os professores que atuam na rede pública pude obter dados precisos e valiosos para o estudo da situação real do ensino brasileiro.

Freqüentei aulas de 5ª a 8ª séries do ensino fundamental das escolas públicas de Mogi Mirim, a fim de verificar se o trabalho desenvolvido era condizente com as propostas dos PCNs. Primeiramente, perguntei aos professores regentes dessas séries se eles conheciam os PCNs, o que achavam e se aplicavam em sala. Todos disseram conhecer e, embora achem que o documento seja meio “fantasioso”, no sentido de que não condiz com a realidade da escola pública, afirmam que na medida do possível tentam adequar suas práticas. No entanto, assistindo as aulas, o que eu pude constatar foram atividades totalmente divergentes do que se esperaria. A título de exemplo, cito algumas das atividades realizadas, que demonstram posturas extremamente

---

<sup>7</sup> O Relatório do PISA (2000) foi consultado na página do INEP – [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

<sup>8</sup> Os dados do ENEM foram consultados na página do INEP – [www.inep.gov.br](http://www.inep.gov.br)

tradicionais. As aulas da 5ª série, por exemplo, se baseiam exclusivamente em ler o texto do livro em voz alta, copiá-lo no caderno e responder os exercícios de interpretação, além dos famosos exercícios de *fixação gramatical*<sup>9</sup>.

Um fato que me chamou muito a atenção foi a resposta obtida quando perguntei à professora se ela utilizava revistas, jornais ou gibis em sala de aula. Ela disse que para a 5ª série, muito raramente era usada revista, e somente para fazer recorte e colagem de palavras como exercícios de ortografia. Afirmou ainda que os alunos daquela faixa etária não entendem textos como os da revista VEJA, por exemplo.

Outro fato interessante é que, além das aulas basearem-se totalmente no livro didático, algumas das atividades mais complexas e interessantes que o livro traz são deixadas de lado pela professora, permanecendo exercícios que se centram em decodificação, retiradas de informações e análises superficiais do texto. São perguntas do tipo “Retire do texto uma frase que comprove...” e apenas uma ou outra pergunta exige um grau dissertativo argumentativo maior, as quais geralmente pedem que o aluno descreva a sua opinião. Além disso, as perguntas sempre estão de acordo com a seqüência do texto, o que torna os exercícios uma mera cópia em seqüência, como se os alunos precisassem da ordem para entender e responder cada pergunta. Até mesmo a quantidade de linhas que cada aluno deve utilizar para responder cada questão é estipulada, o que, a meu ver, limita a escrita para somente aquilo que está no texto e nada mais.

As atividades realizadas com as séries seguintes não fogem muito do que foi apresentado acima. Nas aulas da 6ª série, por exemplo, o livro didático é também o único material utilizado e o enfoque das aulas recai exclusivamente sobre a gramática normativa<sup>10</sup>.

Vale ressaltar, a título de exemplo, alguns dos exercícios tradicionais que são dados aos alunos, como estes do livro de Prates (p.114):

**A) Acentue os verbos seguindo o modelo:**

Pegar ele – pegá-lo	conhecer ele – conhecê-lo	sujar ele – sujá-lo
Fazer ele – fazê-lo	lançar ele – lançá-lo	proteger ele – protegê-lo

---

<sup>9</sup> O livro utilizado é: SARGENTIM, Hermínio Geraldo. *Coleção Língua Portuguesa Palavras*. Editora: IBEP. 5ª Série.

<sup>10</sup> Os livros utilizados são: PRATES, Marilda. *Encontro e Reencontro em Língua Portuguesa*. Editora Moderna. 6ª série e DELMANTO, Dileta & CASTRO, Maria da Conceição. *Idéias & Linguagem*. Editora Saraiva. 6ª série.

**B) asse para o plural:**

- a) Ele não crê naquilo que vê.
- b) Ele não tem amadurecimento suficiente.
- c) Seu namorado vem amanhã.
- d) Ela não crê na bondade do namorado.
- e) Quero que você lhe dê um beijo doce e suave, meu filho!

Ainda uma outra atividade foi a do livro de Delmanto & Castro (pp. 169; 170):

**C) Copie as frases completando-as com as preposições do quadro.**

**para/a/de/por/em**

- a) Só saímos \* almoçar.
- b) As noites eram repletas \* estrelas.
- c) \* outubro, o grupo chegou ao acampamento.
- d) O grupo começou \* descer os equipamentos.
- e) Foram momentos \* grande emoção \* nós.
- f) Foi impossível ir além \* causa do vento e do frio.

**D) Escreva o resultado de:**

em + o =	de + aqui =	a + os =
em + um =	de + ali =	de + este =
em + aquela =	de + a =	de + aquele =
de + ele =	de + isso =	de + aquela =

Notamos, portanto, que os exercícios gramaticais são sempre muito tradicionais, mecânicos, repetitivos, e até mesmo desconexos da realidade. São, muitas vezes, exercícios sem nenhum aproveitamento. Na correção do exercício A, por exemplo, cada aluno foi até a lousa e escreveu a resposta. No entanto, poucos alunos conseguiram colocar o acento corretamente, o que corrobora o fato de que o exercício parece não cumprir com o seu objetivo. O exercício B revela um alto grau de artificialidade nas sentenças. São frases soltas, isoladas, deslocadas de qualquer contexto, o que não vai, de maneira alguma, em encontro aos princípios bakhtinianos que regem os PCNs. O enunciado deveria ser a unidade real da comunicação, não a sentença. Além disso, ao passarmos a frase para o plural, como o exercício pede, a artificialidade fica ainda mais gritante, já que, por exemplo, uma frase do tipo *Seus namorados vêm amanhã* é, pelo menos para a grande maioria da sociedade, incompatível com a realidade vivida, afinal todos têm teoricamente um único namorado.

Podemos dizer também que o exercício C não tem nenhuma utilidade prática para os alunos, já que exige deles, falantes nativos da língua portuguesa,

saberem preposições que lhe são tão naturais como o “para”, por exemplo. Parece óbvio que qualquer aluno nativo do português falaria *Só saímos para almoçar* ao invés de falar, por exemplo, *\*Só saímos de almoçar*. A escola parece não levar em conta a gramática que o aluno sabe desde seus 2 ou 3 anos de idade. Possenti (1996)<sup>11</sup> afirma que se ensinássemos aos alunos aquilo que eles ainda não sabem, ao invés de repetir conhecimentos que estão já sedimentados, porque afinal são falantes nativos de Português, sobraria mais tempo para trabalhar com leitura e escrita e com questões que eles ainda não dominam da norma culta.

Um outro dado importante e que merece atenção é que apesar de ter participado de muitas aulas de variadas séries e de variadas escolas, a única em que presenciei uma atividade de redação foi a da 8ª série. Porém, o exercício dado aos alunos foi o de continuar, em 20 linhas, a seguinte estória: ***“No sábado passado, saímos de uma festa muito animados. Como era na mesma rua de casa, não houve necessidade de que alguém fosse nos buscar. Vínhamos voltando a pé, quando...”***

Embora o gênero narrativo seja importante, o tema certamente não causou grande motivação nos alunos da 8ª série, talvez porque ele não faça parte de sua realidade ou por outros fatores. O fato é que não conseguimos observar quando se dará a passagem para a elaboração de textos dissertativos, argumentativos e a exploração de outros gêneros, necessários para que ocorra o processo de letramento.

### 3. Considerações finais<sup>12</sup>

Durante as minhas participações nas aulas, procurei conversar com os alunos sobre o que eles achavam das aulas de Português e da escola, em geral. A desilusão e a decepção por parte de muitos alunos quanto ao futuro são preocupantes. Os alunos afirmam, em geral, não gostar da escola. Não vêem a hora de acabarem os estudos. Ressaltam que tudo é chato demais e que não vêem como a escola poderia lhes ajudar a ter um futuro melhor. Um deles enfatizou: *“Estudar não dá futuro não. Não vejo a hora de terminar a escola. Vou sair daqui e meus amigos vão me arranjar um emprego no mercado. Aí já era”*.

---

<sup>11</sup> POSSENTI, S. (1996). *Por que (não) ensinar Gramática na escola*. Mercado das Letras, Campinas - SP.

<sup>12</sup> Na 2ª etapa da pesquisa que está em andamento, a análise incide sobre dados gerados no contato direto com alunos de todas as séries do Ensino Médio.

O que podemos constatar é que a escola ainda tem muito a melhorar no sentido de transformar o aluno em um cidadão, por meio de suas práticas significativas. Com relação ao ensino de Português, principalmente, promover o domínio dos diversos gêneros, capacitar para atividades exigidas na vida, no cotidiano.

---

#### REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

- KLEIMAN, A. & MORAES, S (1999). *Leitura e interdisciplinaridade: tecendo redes nos projetos da escola*. Mercado das Letras, Campinas – SP, Coleção Idéias sobre a linguagem.
- MEC/SEF (1998). *Parâmetros Curriculares Nacionais*. Ministério da Educação e do Desporto – Secretaria de Educação Fundamental, Brasília.
- MORAES, M. A. B. (2007) *Dificuldades enfrentadas pelos docentes de ensino Fundamental e Médio na implantação das propostas dos Novos PCNs de Língua Portuguesa*. Relatório Parcial de Iniciação Científica. Apoio PIBIC/CNPq.
- \_\_\_\_\_. (2006) *Investigação sobre mudanças ocorridas (ou não) no ensino de Língua Portuguesa nos níveis fundamental e médio cinco anos após a aprovação dos novos PCNs*. Relatórios Parcial e Final de Iniciação Científica. Apoio PIBIC/CNPq .
- POSSENTI, S. (1996). *Por que (não) ensinar Gramática na escola*. Mercado das Letras, Campinas – SP.
- ROJO, Roxane (2003). “Letramento e Capacidade de leitura para a cidadania”. LAEL/PUC – SP.
- SOARES, M. (2000) “Letramento em texto didático: o que é letramento e alfabetização”. In *Letramento*. Ed. Autêntica, Belo Horizonte.